



As Expressões da Multidão no #ProtestoemVitória¹

Marcelle DESTEFFANI²

Fabio MALINI³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Com a queda da hegemonia dos Estados-nação, nasce uma nova manifestação política: o Império, que exerce poder sobre a população de forma descentralizada para garantir a ordem global e a paz social. Há também um antipoder liderado pela multidão, caracterizado pela resistência contra o velho poder, a insurreição e o poder constituinte de um novo poder. Essa multidão hoje se une e derruba governo autoritário no Egito, levanta fortes reivindicações na Espanha e realiza o movimento contra o aumento do preço da passagem de ônibus na Grande Vitória. É este último evento, chamado de Protesto em Vitória, que buscaremos analisar neste trabalho, apresentando as manifestações comunicativas produzidas por essa multidão, ora na internet, ora nas ruas.

Palavras-chave: Império; multidão; internet; comunicação; protesto em Vitória.

Introdução

O Protesto em Vitória foi uma mobilização de estudantes, sindicalistas, professores, e trabalhadores pela redução no preço das passagens de ônibus e por melhorias no sistema de transporte público da Grande Vitória, no Estado do Espírito Santo. Durante vários meses, aconteceram fortes manifestações que uniram o povo nas ruas de Vitória e na internet em torno dessa luta.

Tomando por base autores que estudam a multidão, como Hardt e Negri, buscaremos entender se o Protesto em Vitória se caracteriza enquanto mobilização multitudinária, como age ali a multidão, quais os objetivos ela possui ao sair da internet e ir às ruas e qual o comum é produzido por essa singularidade de vozes.

É pelo viés da comunicação que vamos analisar a ação da multidão no Protesto em Vitória. Por meio da análise empírica de blogs, redes sociais, vídeos, fotos e textos jornalísticos divulgados na internet, buscamos verificar e classificar os conteúdos divulgados pelos internautas em torno das manifestações mais intensas que aconteceram nos dias 02 e 03 de junho de 2011, para entender como aconteceu o deslocamento dos cidadãos da rede para a rua, bem como a motivação das pessoas que estavam nas ruas a publicarem seus relatos na rede sobre os dias de protesto.

¹ Trabalho apresentado no IJ7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante do oitavo período de Comunicação Social – Jornalismo da Ufes. Email: marcelle.dm@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do departamento de Comunicação Social da Ufes. Email: fabiomalini@gmail.com



1) Um novo modo de organização da democracia: a multidão

“A soberania dos Estados-nação está em crise”⁴, proclamou Negri (2003), em seus estudos. Assim como ele, buscaremos explicar o contexto dessa afirmação, procurando entender onde a soberania foi se instalar. Mas já adiantamos que ela se encontra em um não lugar que é chamado pelo autor de Império. A soberania nacional, no passado, era exercida sobre um território único e uma cultura única, mas com o enfraquecimento do poder do Estado em controlar todo o território e as forças antagônicas ali inseridas, ele precisou reconhecer a existência de outras fontes de soberania. “(...) o Estado-nação não possui mais sua centralidade, porque é atravessado continuamente por correntes antagônicas e por múltiplos inputs linguísticos e culturais que retiram dele a possibilidade de colocar-se como hegemonia e de comandar o processo cultural” (NEGRI, p. 14, 2003).

Negri e Hardt (2010), contrapondo a perspectiva da soberania nacional, destacam a emergência de outra ordem política (a soberania imperial), que é marcada pela passagem do capitalismo material ou industrial ao capitalismo cognitivo ou pós-industrial. Neste regime, a lógica de reprodução é substituída pela lógica da inovação, e o regime de repetição, pelo da invenção. O novo sistema político da era do Império é descentralizado e desterritorializado, e não leva em consideração valores étnico-nacionais. Seu principal objetivo é a garantia da ordem global, de uma paz estável e universal que possibilite o pleno funcionamento da economia de mercado. O que não quer dizer que houve o fim do Estado-nação. Ele apenas perdeu sua capacidade de exercer o controle sobre os mecanismos de reprodução da sociedade, as lutas anti-imperialistas, anticoloniais e aquelas para a liberdade contra o socialismo real.

Há uma grande distinção entre o Império dos tempos de Roma e o Império do nosso tempo. Naquele, o Império é visto como a superação da alternância das três formas clássicas de governo: monarquia, aristocracia e democracia. O que impera, hoje, é de fato monárquico, aristocrático e democrático ao mesmo tempo. Monárquico porque, sobretudo em tempos de conflito militar, algumas instituições entram em ação com suas armas atômicas e sua tecnologia militar, como o Pentágono. Outras influem nos negócios globais, como a Organização Mundial do Comércio e o Banco Mundial. Aristocrático porque é governado por um grupo elitizado de intérpretes, o que Negri (2003) chama de aristocracia de nações, manifestada em encontros dos países do G-8 ou

⁴ NEGRI, p. 12, 2003.



quando o conselho de segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) age. E democrático porque pretende representar o povo global. A assembleia geral da ONU é um exemplo dessa democracia de nações.

Em suma, o Império é um sujeito soberano único, que compreende em sua lógica todas as três formas clássicas ou níveis de governo: a monarquia, a aristocracia e a democracia. O Império, em outras palavras, é uma forma particular de soberania por sua capacidade de incluir e administrar diferenças dentro de sua constituição. (NEGRI, 2003, p.116).

Essa transformação política aconteceu entre 1971 e 1973, com a primeira grande crise do petróleo e o Tratado ABM (antimísseis balísticos), que definiu a paz nuclear. “É este, pois, o momento em que se fixa, justamente, o reconhecimento da impossibilidade de garantir o desenvolvimento capitalista por meio dos instrumentos da regulação soberana interna, ou seja, de controlar a relação de capital dentro do espaço-nação” (NEGRI, p. 50, 2003).

Outro elemento que contribuiu para a perda da hegemonia dos Estados-nação foi o fim da fase imperialista do capitalismo. Os países que, até então, eram colônias iniciam lutas pela sua libertação, como aconteceu com o Vietnã. As grandes potências, que têm como um dos seus objetivos principais a colonização para expandir seu poder, começam também a enfrentar desequilíbrios nas relações de domínio interno. O fim do Segundo Mundo, o do socialismo real ou realizado, também deve ser levado em consideração. Serão as lutas dentro e fora do comando capitalista que eliminam o espaço de controle do Estado-nação e impulsionam a constituição do Império.

Os ataques às Torres Gêmeas e ao Pentágono, no 11 de setembro de 2001 tornaram mais perceptível ainda a mudança do lugar da soberania. Foi a partir dali que o governo dos Estados Unidos integrou-se a um sistema global de relações que definem a forma atual da soberania, que é agora transnacional. A soberania atual tende a um controle global, é ilimitada por envolver todo o mundo e não tem um fora. Mas ela continua limitada internamente pela relação dominado e dominador. (NEGRI, 2003).

A soberania imperial funciona subjugando o pobre e explorando sua capacidade de produção, de cooperação e de linguagem. Ela está a todo o tempo querendo acertar contas com os sujeitos que produz. Mas antes de todo poder existem processos de resistências (antipoder). Nesse sentido, Negri e Hardt (2010) retomam o conceito spinozista de multidão para tematizar os diferentes movimentos e mobilizações sociais que, ao mesmo tempo, criam novos mundos e se antagonizam em relação à soberania imperial. O movimento global da multidão é o que nos interessa neste artigo. As várias



lutas que partem de baixo e que acontecem livremente no mundo de forma múltipla e diferenciada se cruzam, constituindo-se como um movimento unitário. “(...) a multidão é uma multiplicidade de singularidades que não pode encontrar unidade representativa em nenhum sentido” (NEGRI, p.43, 2003).

A multidão existe para produzir diferenças, invenções e modos de vida. É uma explosão de singularidades conectadas e coordenadas de acordo com um processo constitutivo sempre reiterado e aberto. Ela é “a forma ininterrupta de relação aberta que as singularidades põem em movimento” (HARDT e NEGRI, online, 2006⁵). É uma organização social definida pela capacidade de agir em conjunto sem qualquer unificação. É uma multiplicidade indefinida e não mensurável. Ela não pode ser representável, porque é monstruosa em relação aos racionalismos teleológicos (é em si algo que tem na sua origem uma finalidade) e transcendentais (não derivam de nenhum tipo de movimento, mas de uma invenção) da modernidade. A multidão é um agente social ativo, uma multiplicidade que age.

O antipoder é constituído por três elementos: a resistência contra o velho poder, a insurreição e o poder constituinte de um novo poder, que emergem juntos de cada singularidade e de cada movimento dos corpos da multidão. Ele não tem pretensão de substituir o poder existente, mas deve propor formas e expressões de liberdade, desenvolvendo, assim, uma nova potência de vida, de organização e de produção. O antipoder deve pretender ser uma força excessiva que transborda e faz nascer uma contínua invenção de novas formas de vida, novas linguagens, novas forças intelectuais e éticas. No Império, a invenção é condição geral e comum da produção, isso porque o trabalho imaterial e o intelecto geral passaram a ocupar uma posição dominante no capitalismo. (NEGRI, 2003). Nesse sentido, a resistência da multidão significa ampliar as redes do saber e do agir comuns, contra a privatização do modo de coordenar a cooperação e da riqueza. “Significa romper as linhas duras da exploração e da exclusão. Significa construir linguagens comuns, nas quais a alternativa de uma vida livre e da luta contra a morte se mostra vencedora” (NEGRI, 2003, p. 207).

É preciso destacar que multidão é um novo conceito de classe. Negri (2003) revela que do ponto de vista de uma sociologia do trabalho, o trabalhador se apresenta cada vez mais como um portador de capacidades imateriais de produção, ou seja, seu

⁵ Entrevista concedida a BROWN e SZEMAN.



instrumento de trabalho primordial é o cérebro e é essa capacidade cognitiva de atuar de modo cooperativo que faz amalgamar estruturas singulares de organização em rede – formas multitudinárias de trabalho. Ao contrário da classe, que é determinada pelos instrumentos palpáveis de produção e pela força de trabalho, ou seja, classe é uma conceituação que depende de uma análise sobre a propriedade dos meios de produção. A multidão redefine a noção de classe, ao incorporar a ideia de que os processos de emancipação social são consequências da capacidade dos sujeitos (explorados) construírem, a partir de seu trabalho imaterial, novos modos de vida, novos mercados, novas realidades, novos sentidos para a propriedade.

Para Negri, é em relação a essa multidão de singularidades que devem ser definidas as novas categorias políticas, analisadas por meio da realidade do comum e não da unidade. O comum (*common*)⁶ é a produção material da multidão que não exige nem capital, nem exploração para existir, já que é algo feito por todos ou por coletivos e comunidades, expressando recursos que são comuns. Os processos colaborativos que fizeram nascer a internet, o http, sites como *Wikipedia* e sistemas de troca P2P, por exemplo, são manifestações do desenvolvimento do *commons*. Silveira (2007) destaca que, apesar dos processos colaborativos já existirem há muito tempo, o cenário atual é diferente. A atual colaboração massiva articula agentes individuais livres que cooperam para resolver problemas de seu próprio interesse, não por obrigação e sem estarem submetidos a instituições ou companhias.

Partindo da definição de multidão desses autores, é possível analisar os protestos de rua que ocorreram em Vitória como um exemplo de mobilização multitudinária e como isso se manifestou?

2) Protesto em Vitória: multiplicidade das vozes comunicativas

Após a greve dos rodoviários em novembro de 2010 e o aumento do preço das passagens de ônibus na Grande Vitória, no Espírito Santo, (que aconteceu como nos últimos anos, em período de férias estudantis), um grupo de amigas⁷ criou uma comunidade⁸ na rede social *Orkut* para reunir os insatisfeitos com a situação. Inspiradas no que aconteceu no Egito, onde a luta contra a ditadura foi convocada pela internet,

⁶ Yochai Benkler definiu como: “(...) um tipo particular de arranjo institucional que governa o uso e a disposição de recursos. Sua principal característica, que os define de forma distinta da propriedade, é que nenhuma pessoa tem o controle exclusivo do uso e da disposição de qualquer recurso particular. Pelo contrário, os recursos governados pela comunidade podem ser utilizados e dispostos por qualquer um entre um dado número de pessoas” (Benkler, 2007, p.12).

⁷ Daiane Reis, 23, formada em Direito; sua irmã Irlane, 30, também aluna de Direito; Ester Vaz, 18, estudante de Educação Física; e sua irmã Aline, 16, secundarista.

⁸ <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110018349>



elas criaram a comunidade “Passagem aumentada Vix parada”, no dia 03 de janeiro de 2011. Nenhuma delas tinha experiência em organizar movimentos sociais e, pela primeira vez, faziam uma comunidade virtual. Em menos de três dias, a página já possuía 500 seguidores e hoje⁹ são 1.463, a maioria estudantes, mas há também professores e profissionais insatisfeitos com o aumento da passagem. Um grupo de alunos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) que já tinha protestado contra o preço das tarifas de ônibus, em dezembro de 2010, convidou as amigas a unirem forças.

Foi assim que começou a se organizar o movimento que pararia as ruas de Vitória em 2011 e 2012 e que contava com um perfil diferenciado: não havia liderança. Na primeira reunião *off-line* dos membros da comunidade virtual, ficou decidido que não haveria protagonismo de nenhum líder, para que todos pudessem ter mais liberdade de atuação. Juntaram-se a eles, então, anarquistas, independentes, midialivristas, punks, secundaristas, alunos de escolas públicas e particulares e sindicalistas para brigar por redução no preço da passagem de ônibus e por melhorias no transporte público. Eles formaram o Movimento Contra o Aumento Tarifário e logo criaram perfis em outras redes sociais (*Facebook*¹⁰ e *Twitter*¹¹) e um *blog*¹², para se comunicarem entre si e com a sociedade.

2.1 O acontecimento e seu movimento comunicacional inicial: a convocação

Em maio de 2011, nos muros da cidade¹³ e no *Twitter* (através de *hashtag*) lia-se: “Dia 02/06 a cidade vai parar” ou #02do06VitoriaLiteralmenteVaiParar. Ninguém deu ouvido e no dia anunciado, por volta das sete horas, militantes fecharam uma via da Avenida Jerônimo Monteiro no Centro de Vitória com barricadas de pneus queimados¹⁴, em frente à escadaria da sede do governo do Espírito Santo, o Palácio Anchieta.

DIA 02 DE JUNHO NÃO SAIA DE CASA VITORIA
LITERALMENTE VAI PARAR! Depois não diga
que não avisamos
#02do06VitoriaLiteralmenteVaiParar

Os manifestantes exigiam a presença do governador do Estado, Renato Casagrande, para discutirem o aumento do preço da passagem e as condições do transporte público, mas ele estava em Brasília. O vice-governador, Givaldo Vieira, foi convidado pelos estudantes a ir ao local do protesto para assinar um documento

⁹ Dado consultado no dia 10 de maio de 2012.

¹⁰ Movimento contra o aumento ES: <http://virou.gr/JysV4r>

¹¹ Protesto GV: <https://twitter.com/#!/ProtestoGV>

¹² <http://contraoaumento.blogspot.com>

¹³ Foto do grafite em muro de Vitória divulgada pelo Facebook: <http://virou.gr/JytjzN>

¹⁴ Foto das barricadas de pneu em: <http://virou.gr/JytlLi>



agendando uma conversa entre os manifestantes e o governador. Tampouco ele quis ouvi-los. Até às 13h25, a cidade estava travada¹⁵, os engarrafamentos já tomavam conta de toda a capital e os manifestantes não pretendiam se dispersar, enquanto não conversassem com as autoridades. Foi quando o governo decidiu agir e mobilizou o Batalhão de Missões Especiais (BME)¹⁶ da Polícia Militar, que utilizou bombas de efeito moral¹⁷, spray de pimenta, tiros de bala de borracha e cassetete para dispersar os manifestantes. Para se defenderem, eles arremessaram pedras¹⁸ contra os policiais, refugiaram-se nas escadarias do Palácio Anchieta e o trânsito foi completamente fechado nos dois sentidos da Avenida Jerônimo Monteiro (em frente à sede do governo do Estado). O sindicalista Luiz Carlos Rangel deitou-se no chão¹⁹, para evitar que o choque avançasse. Em vão. A tropa passou por ele como se fosse uma pedra no meio do caminho.

O grupo de estudantes se deslocou então até a Praça João Clímaco, localizada na Cidade Alta, ao lado do Palácio Anchieta, seguido pelo BME. Assim, por volta de 13h55 o trânsito começava a fluir (lentamente) na região. A essa altura já havia surgido no *Twitter* e no *Facebook* uma convocação de mobilização à tarde, em frente à Ufes, com um objetivo a mais: protestar contra o uso desmedido da força pelo Estado.

Resolvemos às 14h fazer um protesto em solidariedade aos manifestantes da manhã. Fomos imediatamente reprimidos pelo truculento BME

5
RETWEETS

A convocação na forma de convite pelo *Facebook* para participar de um evento²⁰ tornou-se naquele momento um exemplo de como a mobilização política emerge na rede: na forma de um turbilhão: centenas de perfis compartilham o evento, “flodando” *timeline* dos amigos e, assim, demonstram que o movimento tornava-se de massa. À tarde, mais uma vez, o que se viu foram bombas sendo lançadas nos manifestantes. Até a universidade²¹ não foi poupada²². Balas de borracha atingiram mesmo quem não fazia parte das manifestações. Algumas crianças e idosos que estavam na universidade precisaram se refugiar no Teatro Universitário. “Protesto de Estudantes e o Governador

¹⁵ Foto do congestionamento causando pelo protesto: <http://virou.gr/JeQ6lh>

¹⁶ Vídeo do início da ação do BME contra os manifestantes: <http://virou.gr/JeQ5xQ>

¹⁷ Foto das primeiras ações do BME contra os estudantes: <http://virou.gr/JeQ9xx>

¹⁸ Reação dos manifestantes durante o confronto com o BME: <http://virou.gr/JeQaSf>

¹⁹ Foto em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.127884887291509.32815.100002099960781&type=3>

²⁰ Evento do Facebook: <https://www.facebook.com/events/149249111813364/?ref=pb>

²¹ Vídeo das bombas dentro da universidade: <http://qik.com/video/40666850>

²² Somente a Polícia Federal é autorizada a entrar na universidade. Apesar disso, o BME atirou bombas e balas de borracha dentro da Ufes, por cima do portão principal.



colocou o Batalhão de Choque atirando e jogando bombas contra a Ufes”, relatava um internauta no *Twitter*.

Alguns manifestantes já esperavam a reação violenta da polícia e foram ao protesto à tarde com os rostos cobertos por camisas²³ e máscaras, para amenizarem os efeitos das bombas de gás lacrimogênio e do gás de pimenta, o que não adiantou muito.



Efeito das bombas de gás lacrimogênio nos olhos do manifestante. Foto: Izaías Buson.

2.2 Comunicação Denúncia ou quando a comunicação distribuída vaza a verdade

Enquanto isso, na Internet, chovia fotos, vídeos e testemunhos ao vivo sobre os acontecimentos a todo o segundo. “Pelas imagens da repressão à manifestação estudantil em Vitória, achei que estivesse vendo notícia sobre conflitos na faixa de Gaza”, comentou uma usuária do *Twitter*. De mera manifestação de grupos radicais, agora o protesto se nomeava #protestoemvitoria²⁴ e seu alcance, derivado da produção cooperativa de milhares de perfis, já chegava ao status de “opinião pública”. A população, até então revoltada com as horas de trabalho perdidas em vão no trânsito parado daquele dia, observava a atitude truculenta da polícia. A comunicação passou a ter um “corpo social”, já que saía de cena o exibicionismo típico dos perfis das redes sociais para a inflação de visibilidade da política que só a rede, hoje, é capaz de criar. De dentro dos movimentos, imagens de abuso policial eram vazadas em tempo real, o que gerava destaque para tuiteiros e blogueiros pela coragem no registro dos conflitos, enquanto a imprensa seguia a sua tradicional agenda de cobrir, fundamentalmente, os “excessos” dos lados.

O governador Casagrande passava a ser o principal alvo dos comentários na rede, já que se recusava a atender os manifestantes e ouvir suas reivindicações, além do fato de ter consentido com a ação do BME. “Meu olho está ardendo. A Polícia Militar do Espírito Santo é covarde, assim como o governador Casagrande. Massacre a pessoas inocentes!”, relatou outro internauta no *Twitter*.

²³ Manifestante cobre o rosto para não sentir o cheiro das bombas: <http://virou.gr/KRaZRi>.

²⁴ Hashtag criada no *Twitter* para agrupar os conteúdos sobre as manifestações.



Algumas pessoas transmitiram os protestos ao vivo pela internet, buscando oferecer ao internauta que não pudesse participar das mobilizações, uma visão de dentro dos acontecimentos. Eles capturaram o BME caminhando ao encontro dos manifestantes²⁵, o momento do arremesso das bombas dentro da Ufes, a movimentação dos estudantes²⁶, a reação da população contra as ações truculentas do BME²⁷, além de depoimentos dos que participaram da manifestação²⁸. Alguns dos canais de transmissão ao vivo do protesto tiveram mais de 2,3 mil acessos²⁹ simultâneos. Dessa forma, os acontecimentos de Vitória chegavam a outras cidades e muitos internautas até de outros estados ajudavam na divulgação dos fatos e exprimiam sua opinião sobre o movimento. “Governo de centro esquerda (PSB e PT e outros) no ES reprime manifestação de estudantes em Vitória hj”, postou no *Twitter* um internauta do Rio de Janeiro.

2.3 Comunicação Repúdio

O reitor da Ufes, Reinaldo Centoducatte, publicou uma nota³⁰ no seu perfil no *Facebook* para mostrar o posicionamento da universidade em relação aos acontecimentos do dia 02. Várias instituições, conselhos e associações declararam apoio ao movimento encabeçado pelos estudantes e repúdio à ação do BME. “Não aceitamos a repressão e a violência como forma de lidar com as manifestações legítimas do nosso povo, em cenas características de nosso recente passado ditatorial”, declara parte da nota de repúdio³¹ assinada por 21 instituições do Espírito Santo.

Após os confrontos na Ufes, os estudantes se reuniram e decidiram seguir com o protesto, pouco depois das 17 horas para a Terceira Ponte, que liga os municípios de Vitória e Vila Velha e lá a repressão foi ainda mais intensa, pois a cavalaria da Polícia Militar, o BME e a Companhia de Rondas Ostensivas Tático Motorizadas (Rotam) esperavam os manifestantes. Toda a movimentação da polícia era anunciada e registrada por imagens via *twitpic*³² pelas pessoas que trabalham em escritórios ou gente comum que estavam próximos à ponte, como forma de alerta em relação ao que os manifestantes encontrariam pela frente.

²⁵ Vídeo disponível em: <http://qik.com/video/40666850>

²⁶ Vídeo disponível em: <http://qik.com/video/40666497>

²⁷ Vídeo disponível em: <http://qik.com/video/40671272>

²⁸ Vídeo disponível em: <http://qik.com/video/40671899>

²⁹ Um dos canais da transmissão ao vivo: http://www.ustream.tv/channel/testezxxdd#utm_campaign

³⁰ A nota pode ser encontrada em: http://www.facebook.com/note.php?note_id=108000689290910

³¹ O arquivo pode ser acessado em: <http://virou.gr/KRb33x>. Outra carta de apoio ao movimento, dessa vez da ANEL, pode ser acessada em: <http://virou.gr/KRb73k>.

³² <http://twitpic.com/>



A força policial impediu os manifestantes de chegarem à praça do pedágio e havia um grande congestionamento na Reta da Penha, no sentido Centro. Como relata um jovem no blog³³, os policiais apontavam as armas para as pessoas, estivessem elas ou não participando das manifestações³⁴ e pediam que se deitassem no chão. Alguns receberam chutes e pontapés e tiveram escopetas apontadas para seus rostos. Havia até mesmo policial infiltrado em meio ao protesto, armado, conforme conta o mesmo jovem: “(...) Um sujeito armado estava no meio dos meninos, ninguém sabia exatamente fazendo o que. Gritaram “POLÍCIA”! e ele: “não sou polícia não, não sou polícia não”. Até que, acuado, assumiu ser policial e levantou a arma efetuando três disparos. Uns correndo dele, outros correndo pra cima dele. E eu correndo atrás desses: “Vocês tão doido, tão querendo tomar tiro, alguém aqui tem o peito de aço”? Ainda ouvi de um cidadão bem disposto: “Se for mais de dez atrás dele ele não vai ter bala suficiente pra todo mundo, não vai atirar”.

Nesse momento, a *hashtag* #protestoemvitoria ocupava o primeiro lugar nos *Trending Topics* Brasil, entrando em poucas horas para o *Trending Topic Worldwide*, no *Twitter*. Muitos *tweets* tiveram caráter informativo, mostrando o que acontecia na mobilização em tempo real. “O companheiro Haimon está internado no Hospital São Lucas, após ser espancado por policiais covardemente. #protestoemvitoria #ForaCasagrande”, informa um usuário da rede social.

2.4 Comunicação Mobilizatória

Os manifestantes finalizaram os protestos daquele dia no Centro de Vitória. Na mesma noite, ativistas do movimento na Internet convocavam a população a se unir aos estudantes no dia seguinte para protestar contra os excessos do BME.



Houve também prisões³⁵, 27 no total, entre as quais estava a de um trabalhador que esperava o ônibus para voltar pra casa e não participava das manifestações. Alguns

³³ Post completo em: <http://sequestradospelapolicia.blogspot.com.br/2011/06/fui-presos-galera.html>

³⁴ Repressão policial: <http://virou.gr/KmOXce>

³⁵ Alguns deles criaram um blog para relatar os acontecimentos: <http://sequestradospelapolicia.blogspot.com/>



foram levados ao Departamento de Polícia Judiciária (DPJ) de Vitória, porque estavam segurando cartazes. Outros precisaram deitar de barriga no chão e tiveram suas mochilas revistadas. Mas antes de chegarem à delegacia, rodaram por cerca de uma hora pelas ruas de Vitória, no camburão da polícia, algemados. Os detidos foram encaminhados para uma cela que já estava ocupada por sete homens acusados de tráfico de drogas. Os manifestantes presos foram acusados de desacato à autoridade, corrupção de menores (havia alguns detidos com menos de 18 anos) e depredação de patrimônio público. Eles só foram liberados, devido à intervenção de advogados do Movimento de Direitos Humanos. O último detido só saiu da delegacia às 05h30 do dia seguinte. “Nos levaram todos para o quartel do BME em Maruípe. Fomos fotografados, tivemos a ficha levantada. Mora aonde? Estuda na Ufes? Qual o curso? Menores de idade, meninas inclusive, todos na mesma situação, sendo interrogados pelo BME. Um oficial vem devolver meu celular. Todos os vídeos e fotos haviam sido apagados”, relata em seu blog³⁶ um dos estudantes preso.

2.5 Comunicação midiativista

Depois dos protestos, muitas fotos, vídeos e depoimentos em forma de *posts* em blogs foram lançados na rede. Foi o momento em que os manifestantes chegaram em suas casas, tiveram mais tempo e condições estruturais para subir os conteúdos produzidos durante a manifestação (já que nem todos contam com aparelhos *mobiles* que possibilitam a conexão com a internet) e puderam refletir um pouco mais sobre os acontecimentos do dia.

Givaldo Vieira, meu ex-amigo³⁷

O vice-governador Givaldo Vieira foi meu amigo, militante e estava conosco quando paramos a cidade com mais de 10 mil pessoas contra o aumento das passagens em 1988. Hoje a PM, sob seu comando, agrediu violentamente uma manifestação igual, ferindo estudantes. Tenho orgulho de dizer que minha filha estava lá. E o meu ex-amigo, agora manda a polícia atacar minha filha que, graças a Deus, seguiu os meus passos e não o dele. Enquanto ele não se retratar e punir o comando da PM, estará na lista de meus inimigos.

Compartilhar

O Protesto em Vitória chegou também à imprensa nacional. Diversos jornais televisivos³⁸, impressos e online³⁹ divulgaram os fatos do dia 02 de junho, dando ainda mais amplitude às mobilizações. As matérias mostravam a ação do BME, os engarrafamentos causados pelo fechamento de avenidas, as reivindicações dos manifestantes e as consequências do enfrentamento entre eles e a polícia. A imprensa

³⁶ Blog: <http://virou.gr/KmQ0sF>

³⁷ Nota do Facebook.

³⁸ Vídeo em: <http://www.youtube.com/watch?v=78VwJtzrdh0>

³⁹ Matéria em: <http://virou.gr/Kb9xy2>

que, no começo, mostrava apenas o caos no trânsito e os transtornos à população que não conseguiu chegar ao trabalho, à escola, ao hospital, causados pela interdição das vias, precisou mudar seu foco, frente à cobertura midiativista dos acontecimentos. À medida que novos relatos foram emergindo na rede, era preciso incorporar à imprensa tradicional matérias que também mostrassem o lado dos estudantes, que lutavam por melhorias no sistema de transporte e por tarifas menores, sob pena de perder a audiência (o que perdeu em muito pela demora no relato da versão dos estudantes) e a credibilidade caso não desse o “outro lado” da situação.

Mas o dia 03 de junho começou com manchetes históricas nos jornais de maior circulação do Espírito Santo, A Gazeta⁴⁰, A Tribuna⁴¹ e Notícia Agora⁴². As matérias indignaram⁴³ os manifestantes, mostrados como baderneiros e transgressores da ordem pública. Buscando formas alternativas de divulgação do que realmente acontecia dentro do Movimento Contra o Aumento Tarifário, multiplicaram-se na rede ainda mais fotos, vídeos, comentários em redes sociais e posts em blogs publicados de minuto a minuto em repúdio à atitude da imprensa tradicional pelos que participavam ou simpatizavam com o protesto.



Por meio dos conteúdos divulgados pelos manifestantes, a narrativa da multidão ganhava forma, agrupada, especialmente, na *hashtag* #protestoemvitoria no *Twitter*, gerando uma espécie de conflito da verdade, já que agora não só os veículos midiáticos tradicionais detinham o poder hegemônico de enunciar os fatos. As fotos⁴⁴ mostravam a organização dos estudantes antes de saírem em marcha, as lideranças fazendo pronunciamentos, as diversas formas de protesto, a ação do BME, as consequências das balas de borracha e do gás lacrimogêneo, além das expressões que misturavam garra e medo nos rostos dos manifestantes. Os vídeos retratavam a ação do BME contra os manifestantes, as passeatas e depoimentos de quem estava dentro e fora do movimento. Os posts em blogs e redes sociais continham desabafos e informações sobre os

⁴⁰ Manchete principal de A Gazeta, no dia 03 de junho de 2011: “Eles querem passe livre... mas não deixam a cidade passar”. Ver em: <http://ficavaitebombas.tumblr.com/post/6147453247/vergonha-1>

⁴¹ Manchete principal de A Tribuna, no dia 03 de junho de 2011: “Baderna complica a vida de mais de um milhão”. Ver em: <http://ficavaitebombas.tumblr.com/post/6147482284/vergonha-3>

⁴² Manchete principal do Notícia Agora, no dia 03 de junho de 2011: “Sem controle”. Ver em: <http://virou.gr/Kb9Cli>

⁴³ Post de um dos manifestantes, em repúdio à cobertura midiática dos protestos: <http://virou.gr/Kb9B0W>

⁴⁴ Fotos em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.153678898035624.37531.100001805439901&type=3>



protestos. Charges⁴⁵, zines⁴⁶ e *mashups*⁴⁷ foram produzidos pelos manifestantes para informar à população sobre as reivindicações do movimento e até mesmo satirizar situação, a fim de mostrar seu descontentamento.

2.6) Comunicação revide ou quando o acontecimento vira uma guerra em rede

Quando a cobertura alternativa do protesto ganhou mais amplitude, começou a incomodar e toda uma máquina de comunicação foi usada por parte do governo para se “defender”. Foi ao ar na TV local uma campanha publicitária⁴⁸ dizendo que o Governo do Estado estava realizando um conjunto de investimento inédito na história para modernizar o sistema de transporte e trânsito na Grande Vitória. O vídeo mostrava realizações como modernização dos terminais, gratuidade nas passagens e as obras no trânsito. Assim, com ainda mais força os manifestantes buscavam divulgar pela internet o ato que aconteceria na tarde do dia 03 de junho, em frente à Ufes.

Concentração do ato: dia 3 de junho, sexta feira, as 17h, no Teatro Universitário.



Um grupo de estudantes e representantes de movimentos sociais se reuniu na tarde do dia 03 de junho, com o vice-governador Givaldo Vieira com o intuito de evitar confrontos nas manifestações. Givaldo disse que não iria tolerar o fechamento de avenidas pelos manifestantes, que a ação da polícia, no dia 02 de junho não foi excessiva e que a conduta voltaria a ser usada caso os manifestantes desrespeitassem os direitos dos cidadãos. Ele disse ainda que o governo não iria reduzir a tarifa do sistema Transcol, mas manteria o diálogo com os manifestantes.

A população, que antes olhava as manifestações como um atraso, devido ao fechamento das avenidas e aos longos engarrafamentos, se uniu para protestar contra os excessos do BME. No fim da tarde do dia 03 de junho, cerca de quatro mil pessoas se reuniram na passeata que saiu da Ufes em direção à Terceira Ponte, empunhando cartazes, bandeiras, faixas e flores e acompanhados por carro de som. Alguns manifestantes se vestiram de roupa social, representando políticos⁴⁹. Outros, incomodados com a cobertura das maiores corporações midiáticas capixabas, interromperam um link ao vivo da Rede Gazeta para o jornal ESTV 1ª edição, aos

⁴⁵ Charge: <http://virou.gr/Kb9RNU>

⁴⁶ Pode ser acessado em: <http://ficavaiterbomba.tumblr.com/post/6147848842/zine-que-sera-distribuido-hoje-no>

⁴⁷ Um dos vídeos pode ser assistido em: <http://www.youtube.com/watch?v=ZLZtNKCxttk>

⁴⁸ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=acLEB1rM5pg>

⁴⁹ Foto em: <http://virou.gr/Kba7vQ>

gritos⁵⁰: Gazeta mentirosa, Gazeta mentirosa! Tudo isso porque a empresa soltou pela manhã em seu jornal, matérias sobre os protestos que mostravam os estudantes como baderneiros, resguardando o governo e suas ações.

2.7 Comunicação Alerta

A cidade estava cercada pela força policial, tudo registrado por anônimos que alertavam os manifestantes através da internet e da telefonia móveis. “Seis carros de polícia já passaram para a Terceira Ponte”, anuncia um dos perfis dos manifestantes no *Twitter*. Essa comunicação aconteceu para mostrar aos manifestantes onde eles poderiam passar livremente e onde encontrariam resistência policial. Foi quando, então, a relação de força virou: a polícia foi retirada das ruas e a manifestação ocorreu pacificamente, liberando as cancelas do pedágio da ponte para o trânsito fluir livremente. Não houve registro de nenhum tipo de enfrentamento entre manifestantes e policiais. Os manifestantes ocuparam a Praça do Pedágio da Terceira Ponte e só se dispersaram por volta das 21h30. Grande parte das pessoas seguiu rumo à Ufes para uma assembleia.



Manifestantes ocupam o pedágio da Terceira Ponte. Foto: Rodrigo Gavini, A Tribuna.

A justificativa do governo para a ação do BME contra a população só veio no dia 08 de junho. Segundo matéria da imprensa local⁵¹, o governo disse que os estudantes radicalizaram e abusaram, e o batalhão foi autorizado a agir para “evitar o pior”. O governador Casagrande declarou, na época dos protestos, que se tivesse havido algum excesso por parte do governo e da polícia, eles estariam abertos a investigações. Ele ainda destacou que a função do BME é permitir que todos manifestem de forma equilibrada, sem atingir o direito da maioria.

Conclusão

As redes sociais tiveram papel protagonista no Protesto em Vitória, visto que grande parte dos conteúdos divulgados pela multidão passou por ali. Elas possibilitaram

⁵⁰ Vídeo Gazeta mentirosa: <http://www.youtube.com/watch?v=Gn2UyDbmCwU>

⁵¹ O link pode ser acessado em: <http://virou.gr/KR9uTd>



novas formas de mobilização e organização, alterando a dinâmica de interação das pessoas. A informação que antes era hierarquizada de forma vertical, um veículo falando para a massa, passa a se configurar de forma horizontal, na qual os internautas compartilham informações transversalmente entre si. O fluxo de informações nas redes sociais é algo vivo, pois permanece em movimento constante. (SANTAELLA E LEMOS, 2010).

A colaboração online permitiu que o telespectador/leitor/consumidor passivo de notícias se transformasse em um produtor, que começa também a narrar os acontecimentos e distribuir essas informações na rede. A multidão se apropria das ferramentas online de publicação com cada vez mais conhecimento e, assim, contribui com o abalo da hegemonia da imprensa tradicional na narração do passado e na constituição da opinião pública. Na internet, os manifestantes encontraram novas possibilidades de resistência e de divulgação de suas reivindicações e ações.

Além disso, a resistência da multidão do Protesto em Vitória contra o governo, contra a imprensa, contra a polícia produziu resultados, como: a extensão do passe livre a todos os estudantes da rede pública e bolsistas que participem de algum programa social dos governos estadual e federal; a ampliação dos debates em torno da mobilidade urbana; a criação de um conselho de transporte coletivo e mobilidade urbana; a realização de estudos para a reativação do aquaviário de Vitória; a delimitação de corredores exclusivos para ônibus e a readequação da frota⁵².

REFERÊNCIAS

BENKLER, Yochai. A economia política dos *commons*. In: **A comunicação digital e a construção dos commons: redes virais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação** / SILVEIRA; Sérgio Amadeu (org.). São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

BROWN Nicholas; SZEMAN, Imre. **O que é a multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri**. Novos Estudos, Cemrap, número 75, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://virou.gr/KRa8Qt>. Acesso em 26 de abril de 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed.34, 1996.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Império**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010

NEGRI, Antonio. **5 lições sobre o Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**. São Paulo: Paulus, 2010.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. **O conceito de commons na cibercultura**. Trabalho apresentado ao NP Tecnologias da Informação e da Comunicação, durante o XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom). Santos, 29 de agosto a 02 de setembro de 2007. Disponível em: <http://virou.gr/KRaczS>. Acesso em 26 de abril de 2012.

⁵² O termo de compromisso completo assinado durante a reunião pode ser acessado em: <http://contraoautoes.blogspot.com/2011/08/avancaprotestogv-governo-recua-recebe.html>